

RECURSOS INFORMACIONAIS EM BIBLIOTECAS ESCOLARES: UM ESTUDO EM BIBLIOTECAS DE BELO HORIZONTE – MG

Bernadete Santos Campello, CRB-6/255¹
Paulo da Terra Caldeira, CRB-6/167²
Vera Lúcia Furst G. Abreu, CRB-6/544³
Érika Fruck Guelfi⁴

RESUMO: Pesquisa realizada em 1998, em bibliotecas escolares de Belo Horizonte, com o objetivo de verificar se elas estão formando seus acervos em consonância com os projetos pedagógicos das escolas, bem como de procurar entender o papel do bibliotecário no processo de formação da coleção. Especificamente, pretendeu-se investigar o grau de conhecimento, por parte do bibliotecário, da proposta pedagógica da escola em que atua; seu envolvimento nas questões pedagógicas; seu nível de participação no processo de seleção dos materiais e seu conhecimento a respeito do mercado editorial. Além disso, verificou-se a composição das coleções das bibliotecas, em termos de suportes informacionais. Conclui-se que a posição do bibliotecário é frágil e que o processo de seleção ocorre, geralmente, fora da biblioteca.

1 Introdução

Ao longo do tempo, as instituições educacionais têm incorporado a biblioteca como um espaço que abriga os materiais a serem utilizados por educadores e educandos no processo de aprendizagem. Dependendo do papel que assume na instituição, a biblioteca pode ser mais do que um simples estoque de informação, transformando-se num espaço de ação pedagógica, onde os alunos têm oportunidade de

¹ Mestre em Biblioteconomia e professora da Escola de Ciência da Informação da UFMG. É autora dos livros *Introdução ao Controle Bibliográfico* e *Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais* e organizadora das obras *Recursos Informacionais para o Ensino Fundamental: guia de produtores e Formas e Expressões do Conhecimento: introdução às fontes de informação*. (campello@eb.ufmg.br)

² Mestre em Biblioteconomia e professor da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Dentre suas publicações destacam-se: *Guia das Bibliotecas do Estado de Minas Gerais* (1978), *Imigrantes Italianos e Portugueses no Brasil*, *Recursos Informacionais para o Ensino Fundamental: guia de produtores e Formas e Expressões do Conhecimento: introdução às fontes de informação*. (terra@eb.ufmg.br)

³ Especialista em Biblioteconomia e professora da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Foi diretora da mesma escola de 1994-1998 e atualmente é coordenadora do Colegiado do Curso de Graduação. Seus interesses de pesquisa estão na área de bibliotecas escolares, formação e desenvolvimento de coleções e ensino de biblioteconomia. (vera@eb.ufmg.br)

⁴ Bolsista de Iniciação Científica/ Fapemig.

aprender habilidades de acessar e de interpretar informação, habilidades necessárias para conviver na sociedade da informação. Por outro lado, os modernos métodos de aprendizagem centrados no aluno e que privilegiam a construção do conhecimento e o questionamento, exigem recursos informacionais variados e abundantes. Assim, a intencionalidade ou vontade política da escola em manter a biblioteca, é de fundamental importância para que ela cumpra seu papel.

Sintetizando o que é uma biblioteca, Lemos (1998) ressalta que *“Nem toda coleção de livros é uma biblioteca, do mesmo modo que nem toda biblioteca é apenas uma coleção de livros. Para se ter uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja cinco pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização, uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas e, por último mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca”*. Acrescentaríamos a esses pré-requisitos o profissional que vai gerenciar o conjunto de recursos e de processos, de forma a fazê-los úteis para a comunidade de usuários.

A formação e desenvolvimento do acervo é um processo que vai exigir do bibliotecário ações planejadas, a fim de que a biblioteca atenda permanentemente aos objetivos e metas da instituição.

Segundo VERGUEIRO (1993), na biblioteca escolar *“A ênfase do processo de desenvolvimento de coleções estará ... muito mais na seleção de materiais para fins didático-pedagógicos – normalmente alicerçada por uma política de seleção que terá por base o currículo ou programa escolar.”*

Para MAYRINK (1991), *“A coleção [da biblioteca] deve refletir as áreas do currículo ou dos programas de estudos, representando-se na mesma as diferentes áreas do currículo e de forma equilibrada.”*

Conforme CARVALHO (1980), *“para que seja excelente a coleção de uma biblioteca escolar não basta que o material seja de boa qualidade, mas que esteja relacionado entre si, completando-se mutuamente e atendendo necessariamente os objetivos da instituição.”*

Em resumo, se a biblioteca pretende funcionar como espaço de ação pedagógica, o agrupamento de documentos, representado pela sua coleção, precisa estar em consonância com o projeto educacional da escola. Além disso, é necessária uma política explícita, que trace diretrizes que orientarão o trabalho de seleção de maneira criteriosa e eficaz, direcionando o acervo de maneira a atender a missão e os objetivos da biblioteca e a proposta pedagógica da escola.

“Tradicionalmente, o desenvolvimento de coleções significou a definição de critérios que justificassem um determinado agrupamento de documentos em um ou mais espaço(s) físico(s) determinado(s). Este agrupamento é definido em contraposição a todos os outros possíveis e em contraposição, também ao universo de publicações não-controlado, produzido aleatoriamente pelo mercado” (VERGUEIRO, 1997).

A abundância e diversidade dos materiais que vêm sendo produzidos pela indústria editorial é uma característica da chamada sociedade da informação. No Brasil, o setor da indústria editorial dedicado à produção de livros e outros materiais para o ensino fundamental, ou destinados a crianças e adolescentes na faixa etária que comumente está cursando este nível, não foge à regra. Pesquisa realizada em 1997 verificou um crescimento no setor, não apenas no que diz respeito ao número das organizações produtoras, mas também de títulos oferecidos. Observou-se também tendência ao oferecimento

de produtos eletrônicos, caracterizando uma variedade de opções, peculiar ao mercado editorial da atualidade (CAMPELLO, 1998).

Se essa variedade de opções é positiva por um lado, por outro dificulta a seleção, exigindo avaliação permanente dos recursos lançados no mercado, de forma a evitar que as características extrínsecas do produto predominem sobre seu conteúdo.

Conclui-se, a partir daí, que o bibliotecário, responsável pelo gerenciamento do processo, precisa estar envolvido nas questões pedagógicas e ter amplo conhecimento da produção editorial, para que a biblioteca possa exercer o papel de mediador entre a informação disponível e a comunidade de usuários a ser atendida.

2 Objetivos

A presente pesquisa pretendeu verificar se o processo de formação do acervo das bibliotecas escolares de Belo Horizonte está de acordo com os projetos pedagógicos das escolas, bem como analisar o papel do bibliotecário nesse processo. Especificamente, procurou-se investigar a) o grau de conhecimento, por parte do bibliotecário, da proposta pedagógica da escola em que atua; b) o envolvimento do bibliotecário nas questões pedagógicas; c) o nível de participação do bibliotecário no processo de seleção; d) o conhecimento do bibliotecário do mercado editorial para uso de alunos do ensino fundamental. Além disso, procurou-se verificar a composição das coleções das bibliotecas, em termos de suportes informacionais, isto é, se incluem recursos variados, tais como materiais audiovisuais e de informática, além dos tradicionais materiais impressos.

3 Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em nove escolas de ensino fundamental de Belo Horizonte, escolhidas em função dos seguintes critérios: escolas que contassem com propostas pedagógicas explícitas,

com biblioteca em funcionamento e, pelo menos, um bibliotecário em seu quadro de pessoal. Foram incluídas na amostra escolas da rede pública e particular. Buscou-se, também, contemplar escolas que oferecessem diferentes propostas pedagógicas.

Os dados foram coletados no período de 20 de outubro a 10 de novembro de 1998, através de entrevista com os bibliotecários das nove escolas selecionadas, para a qual foi utilizado um roteiro com questões abertas.

A composição da coleção foi verificada em uma segunda visita à biblioteca, utilizando-se um formulário criado a partir do modelo elaborado por MAYRINK⁵, que define o acervo de uma biblioteca escolar, em termos de tipos de materiais a serem incluídos.

4 Análise dos dados

4.1 Envolvimento do bibliotecário nas questões pedagógicas

O grau de conhecimento, pelo bibliotecário, da proposta pedagógica da escola na qual atua foi verificado através de uma questão aberta, em que se solicitou que discorresse sobre o assunto. As respostas mostram que o grau de conhecimento varia entre os nove entrevistados. Dois demonstram um claro entendimento da proposta de sua escola, descrevendo detalhes e citando autores e teorias que a embasam: “... [a escola] *trabalha dentro da teoria de Emília Ferrero, dentro da perspectiva das escolas progressistas que usam o construtivismo e a visão de Vigotsky, que defendem o aprendizado em grupo ... uma criança aprende através de outra criança.*”; “Com o projeto [que se desenvolve no momento] *novas concepções da relação ensino-aprendizagem foram se construindo e a escola viu a necessidade de repensar essas relações. A escola está buscando uma nova forma de*

⁵ MAYRINK, Paulo Tarcísio. Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. *Anais...* Salvador, APBEB, 1991. v.1, p.304-314.

como fazer o aluno adquirir conhecimento e lidar com ele. [Isto] envolve toda uma perspectiva, não só da escola como da comunidade que envolve o aluno, a família ... então tem todo um processo em que o aluno se relaciona com o conhecimento. Não é um conhecimento de disciplinas, mas um conhecimento como um todo, como ele vai interagir na sociedade... então a linha da escola é trabalhar para a comunidade, ou seja, a escola ser um aparato da comunidade. Esse é o caminho que a escola julga ser mais conveniente para se trabalhar o conhecimento.”

Dois entrevistados demonstraram insegurança ao falar sobre a proposta pedagógica: *“Para falar a verdade eu sei que existe um plano de desenvolvimento da escola, mas eu não tenho muito conhecimento dele. Eu sei que essa proposta tem que adequar o currículo à realidade do aluno, se empenhar no trabalho, levando em consideração a bagagem que o aluno traz de casa.”; “Bem, na verdade eu não sei explicar muito bem, parece que se trabalha com temas e projetos...”*

Os outros entrevistados mostraram conhecer a proposta em diferentes níveis, através de comentários tais como: *“... então, basicamente da primeira à oitava série [a escola] tenta, na medida do possível, ser construtivista, fazer o aluno pensar, desenvolver no aluno a capacidade de ele construir seu próprio conhecimento”; “... todo o trabalho que a escola realiza interpenetra com a pedagogia própria [que a embasa], seja na biblioteca, seja na sala de aula, seja qualquer matéria que for dada, essa pedagogia vai interpenetrar nesse currículo escolar. Essa pedagogia é baseada no conhecimento de si mesmo, da estrutura psico-estrutural e se desenvolver, se capacitar, se aperfeiçoar e ao mesmo tempo que [a pessoa] vai se conhecendo, isso abre como um leque para que ele possa conhecer o semelhante.”; “A escola está com uma proposta pedagógica de revolucionar mesmo o mercado de escolas nas áreas de história, geografia, literatura, português... uma das*

propostas do projeto é mudar essa visão [de que a escola só prepara para o vestibular]”.

O grau de envolvimento do bibliotecário nas questões pedagógicas da escola ficou evidenciado a partir de uma série de questões que procuraram verificar, inicialmente, como era a convivência entre bibliotecários e professores. As respostas apontam para uma convivência boa ou normal, refletindo um ambiente de camaradagem, relatada por seis respondentes: *“... bate-papo, cafezinho.”*; *“E a convivência também é muito grande.”*; *“Sim, na hora do recreio eu subo para a sala dos professores e nós conversamos normalmente.”* A dificuldade de convivência ficou evidenciada em dois casos, quando os respondentes relataram os desencontros de horário entre professores e bibliotecário: *“Tem a sala dos professores, mas eu quase não subo porque eu não posso fechar a biblioteca nem um pouco.”*; *“Existe uma convivência boa entre o bibliotecário e os professores, mas nossos intervalos são diferentes, o que dificulta um maior relacionamento (bate-papo).”*

Questionou-se, em seguida, sobre o tipo de cooperação existente entre professores e bibliotecários, a fim de verificar como o trabalho integrado se concretizava na prática. A maioria dos entrevistados não ofereceu respostas explícitas: *“Existe cooperação, sim, tanto vem de cá para lá quanto de lá para cá, a cooperação é mútua.”*; *“Existe cooperação com os professores (alguns), mas eu acho que poderia ser fortalecida”*.; *“Eu tenho mais contato com a pré-escola, o ginásio é mais independente, então a convivência é melhor com os professores da pré-escola.”*; *“Existe com alguns (número pequeno) de professores que se interessam, freqüentam a biblioteca, fazem algum tipo de trabalho junto aos alunos aqui na biblioteca.”*; *“Existe um pouco, precisa se fortalecer essa imagem da biblioteca e do bibliotecário, tem muito a ver com o*

nosso papel.”; “Tem, mas poderia ser maior”. Dois dos entrevistados mostraram, com bastante clareza, como a biblioteca é vista pelos professores, um deles de forma positiva e outro bastante negativa: “Eles me tratam como profissional, como eles, não sofro discriminações por parte deles. É como um ponto de apoio para a pedagogia deles, para as aulas deles. Eles sabem que dependem de mim.”; “É uma briga constante, os professores acham que a biblioteca é um zero à esquerda”.

Procurando aprofundar a questão sobre o grau de cooperação entre bibliotecário e professor foi indagado aos entrevistados se os professores os consultam para saber sobre a existência de determinado material na biblioteca, antes de solicitar ao aluno a realização de uma pesquisa. Essa questão foi respondida afirmativamente por três entrevistados: *“O professor me procura, eu entrego todo o material para ele, que trabalha em sala de aula...”*; *“Muitos procuram antes, felizmente é uma minoria que deixa para a última hora”*; quatro afirmaram que os professores não os procuram: *“não, é um dilema... mas eu vou atrás, tem uns professores que mandam 45 alunos para cá e não tem nada. É uma frustração ...”*; *“não, não adianta falar ... o professor não olha se o acervo que a gente tem vai atender ...”*. Dois disseram que às vezes são procurados: *“ ... quando é assunto da atualidade eles falam comigo e eu separo o material existente, do contrário não vêm...”*.

Para reforçar esta questão procurou-se saber se há participação do bibliotecário nas reuniões do corpo docente. Os resultados mostraram que a participação do bibliotecário em reuniões pedagógicas ou de colegiados, via de regra, ainda não é efetiva. Na maioria dos casos ele é convidado para essas reuniões somente quando está em pauta algum assunto relacionado à biblioteca. Três entrevistados declararam que não participam de reuniões. Normalmente, existe um

interlocutor (diretor ou coordenador), que os coloca a par do que está acontecendo na área pedagógica, principalmente sobre assuntos que tenham relação com a biblioteca.

4.2 Participação do bibliotecário no processo de formação e desenvolvimento da coleção

Indagados diretamente se a coleção da biblioteca atende à proposta pedagógica da escola os respondentes se preocuparam em descrever o processo de seleção e aquisição da biblioteca, mostrando a fragilidade de sua participação no processo de desenvolvimento da coleção. Poucos entrevistados responderam afirmativamente à questão. Observou-se que, na maioria dos casos, o material é selecionado por supervisores, orientadores, diretores, professores e mesmo alunos: *“A seleção de livros para a aquisição é feita basicamente em cima de pedidos, solicitações de professores, da supervisão, diretorias e de alunos também”*; *“... compramos atendendo o que o professor solicita”*; *“As supervisoras e as orientadoras, elas junto com as professoras, selecionam todo o material...”*

Procurando aprofundar a questão sobre a influência do bibliotecário no processo de desenvolvimento do acervo indagou-se sobre a existência de um instrumento formal, representado por uma política de desenvolvimento de coleção. As respostas de todos os entrevistados mostram que as bibliotecas não contam com políticas escritas que norteiem o crescimento do acervo. As diretrizes para esse fim são informais (*“Tem um plano de ação para o desenvolvimento do acervo, mas é informal...”*), ou encontradas em documentos variados, não necessariamente elaborados exclusivamente para esse fim. Um bibliotecário afirmou que o manual administrativo da escola contempla a questão da formação do acervo, outro disse existir um plano de ação para o desenvolvimento da coleção e outro que há um projeto que

contempla a questão. Dois bibliotecários mencionaram não possuir uma linha de conduta a ser seguida para a formação do acervo e um disse desconhecer a existência de tal política.

Procurou-se, em seguida, verificar o conhecimento dos bibliotecários a respeito do mercado editorial, indagando como eles se informavam sobre os novos lançamentos. As respostas mostram que todos os entrevistados utilizam quase que exclusivamente informações das próprias editoras, seja através de seus representantes, distribuidores e/ou divulgadores, ou de seus catálogos e material de divulgação. Apenas três respondentes declaram consultar também revistas e jornais, sem contudo demonstrar como esses recursos ajudam na seleção. A atuação das editoras é forte, principalmente no caso das bibliotecas de escolas particulares que, além do material de divulgação, recebem muitas doações e livros para exame.

Para verificar se o bibliotecário tem acompanhado as tendências do mercado editorial, que atualmente produz uma variedade de materiais compatíveis com a tecnologia da informação que caracteriza a sociedade contemporânea, estudou-se a composição do acervo das bibliotecas em termos de suportes informacionais.

A FIG. 1 permite visualizar a existência e distribuição dos tipos de materiais na composição do acervo das bibliotecas escolares participantes da pesquisa.

Alguns tipos de material estão presentes em todas as nove bibliotecas: almanaques, dicionários, enciclopédias, livros paradidáticos e de literatura, revistas direcionadas ao professor e mapas. Presentes em oito das bibliotecas pesquisadas estão os livros didáticos e de arte, revistas informativas, globos e fitas de vídeo. Biografias, jornais e obras de referência em CD-ROM constam do acervo de sete bibliotecas. Por outro lado, alguns materiais aparecem nas coleções de poucas

bibliotecas. É o caso dos discos e das fotografias, presentes em duas bibliotecas, e dos jogos em CD-ROM encontrados em apenas uma.

Os acervos das bibliotecas escolares participantes da pesquisa guardam similaridade quando se analisam os tipos de materiais da coleção geral, as obras de referência e a coleção de periódicos. No tocante aos materiais especiais, a similaridade entre as coleções é menor, refletindo uma situação em que as bibliotecas ainda não consolidaram procedimentos para aquisição desses materiais.

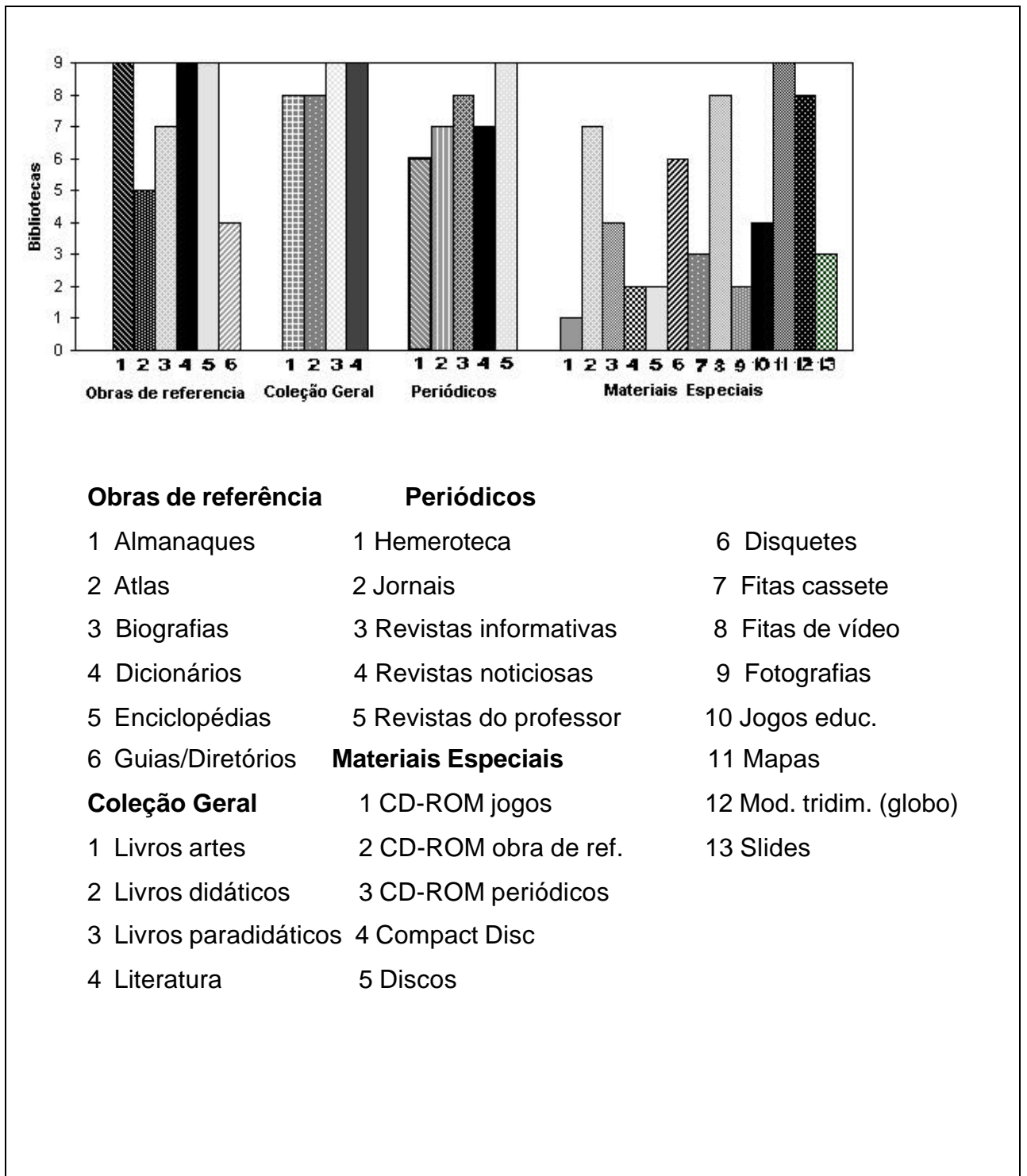


Figura 1 – Composição do acervo das bibliotecas, por tipo de material

6 Conclusão

A análise dos dados revela uma atuação tímida do bibliotecário no processo de formação e desenvolvimento do acervo, processo este de fundamental importância para integrar a biblioteca escolar ao processo pedagógico da escola. Embora a maior parte dos entrevistados demonstre algum grau de conhecimento sobre a proposta pedagógica da escola, ficou evidenciado o distanciamento do bibliotecário das instâncias didáticas e de decisão da escola, na medida em que sua participação em reuniões acontece de forma pontual, geralmente apenas quando o assunto é de interesse direto da biblioteca.

Se por um lado seu relacionamento com os professores é positivo em termos da convivência no dia a dia, por outro não existe uma integração concreta e sistemática com o corpo docente, ocorrendo apenas contatos esporádicos com alguns professores que procuram a biblioteca para informar ao bibliotecário sobre trabalhos ou tarefas solicitadas aos alunos e que exigirão consulta à biblioteca. Percebe-se portanto, que o bibliotecário não se encontra totalmente integrado ao processo pedagógico da instituição escolar.

O envolvimento do bibliotecário no processo de formação e desenvolvimento do acervo é frágil, sendo que a seleção é feita, na maioria das vezes, por professores, orientadores, supervisores e diretores. A não existência de um documento formal que estabeleça diretrizes e sistematize o desenvolvimento do acervo reforça essa situação, mostrando o pouco investimento que o bibliotecário faz no processo de seleção dos recursos informacionais.

Finalmente, observa-se que, ao confiar principalmente no material das editoras e de seus representantes e deixando de buscar críticas isentas representadas por resenhas e comentários de terceiros, o bibliotecário perde oportunidade de ampliar o seu conhecimento sobre

os materiais e, conseqüentemente, esta visão parcial tem reflexos na qualidade da coleção.

O estudo da composição dos acervos mostra a predominância de materiais tradicionais e impressos, havendo pouca variação entre as bibliotecas pesquisadas, no que diz respeito à composição de suas coleções gerais, obras de referência e coleção de periódicos. As diferenças entre as coleções das bibliotecas estudadas ocorrem em relação aos materiais especiais, indicando que a incorporação desses recursos tem ocorrido em diferentes níveis. Dependendo da biblioteca, algumas apresentam características de centros multimeios.

Para se colocar a biblioteca escolar no centro da ação pedagógica são necessárias várias ações. Esta pesquisa em particular, procurou verificar o papel do bibliotecário em um dos processos fundamentais para permitir à biblioteca atuar como um espaço de aprendizagem: o desenvolvimento de sua coleção. A fragilidade desse papel ficou evidenciada, indicando a necessidade de ações que contemplem a formação desse profissional e que lhe dêem condições de atuar com mais segurança no ambiente escolar, desempenhando suas funções com base em conhecimentos amplos sobre o processo pedagógico e sobre a produção editorial, que lhe garantam a possibilidade de ação competente na prática educativa.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Maria da Conceição. Uma política de desenvolvimento de coleção para a biblioteca do Instituto de Educação de Minas Gerais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, n.2, p. 195-216, 1980.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. Recursos informacionais para o ensino fundamental. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 3, p.268-278, 1998.

MAYRINK, Paulo Tarcísio. Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. *Anais..* Salvador, APBEB, 1991. v.1, p.304-314.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 1, p.13-21, 1993.

O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 93-107, 1997.